

Sobre os termos ser e essência nas *Quaestiones in Metaphysicam* de Sigério de Brabant

Luiz Fernando Pereira de Aguiar¹

Preâmbulo

Para esta apresentação, objetivamos analisar um argumento da “*solutio*” da questão 7 da introdução das *Quaestiones In Metaphysicam* (SIGER DE BRABANT, 1981, pp. 43-44, lin. 80-06) atribuído a Alberto Magno na margem do manuscrito e incorporada ao texto pelo editor Dunphy (ms. Munique, Clm 9559, “[...] opinio Alberti Commentatoris”, pp. 43-44, lin. 83-84). A característica principal desse argumento é estabelecer aquilo que ficou conhecido como “distinção real” entre ser e essência².

A questão como um todo é dividida em um preâmbulo (lin. 1-12) que propõe duas pautas: a) quanto ao sujeito da metafísica, o qual será o ente enquanto ente e seus princípios, causas e conseqüências (lin. 7-8), e b) quanto ao pertencimento do ser à essência dos causados. A resposta para esta última pauta será positiva (vide lin. 127-131, especialmente: “em primeiro lugar, sustento que, nos causados, o próprio ser pertence à essência dos causados [...]”). Em seguida (lin. 13-64), temos as considerações iniciais, todas favoráveis à “distinção real”. Das lin. 65-79, nós temos os argumentos contrários, os quais são fundamentados em Averróis e Aristóteles. Segue-se, lin. 80-174, a solução da questão, a qual pode ser dividida em “parte negativa” (lin. 81-126) e “parte positiva” (lin. 127-174). Por fim, das lin. 175-249, temos as respostas às considerações iniciais.

A proposta de Sigério para “mostrar” o pertencimento do ser à essência dos causados parece basear-se na seguinte ordenação: a) mostrar a inviabilidade da “distinção real” entre ser e essência (lin. 81-106); b) mostrar a inviabilidade da “via média” (cujo enunciado poderia ser: o ser não seria nem acidente nem pertencente à essência dos causados, mas seria como se (*quasi*) constituído pela essência), atribuída pelos comentadores contemporâneos a Tomás de Aquino (lin. 110-126). Seguir-se-ia, então, que a única proposta viável seria o pertencimento do ser à essência dos causados, uma vez eliminada as outras possibilidades (lin. 127-174). A proposta de Sigério surge, em seguida, especificada como um paradigma semântico: a coisa e o ente são a mesma intenção (ambiente intramental) e essência (ambiente extramental), mas diferenciam-se no *modo de significação* (i. e., ambiente linguístico, não ontológico): o ente significa a essência a modo do ato; a coisa, por sua vez, a modo do hábito. Segue-se, daqui, por um lado, a total conversibilidade dos termos “ente”, “coisa”, “essência” e “ser” e, por outro, como ficará claro na resposta que Sigério dará à “via média”: os pares substância-

1 Bacharel em Ciências Sociais (USP), mestrando em Filosofia (USP)

2 Todas as traduções são de nossa autoria (o ms. Munique não possui tradução).

acidente, matéria-forma e ato-potência são suficientes para explicar, na ontologia aristotélica, o mundo e sua estrutura (quanto a esse ponto, vide, também, Imbach, 1981, p. 327).

Comentário ao argumento de Alberto Magno e Avicena

Das lin. 81-106, Sigério propõe seu argumento contra a “distinção real”. Em primeiro lugar, Sigério enuncia o problema (pp. 43-44, lin. 81-87); em seguida, ele coloca dois argumentos: um contrário à tese atribuída a Alberto (p. 44, lin. 88-92) e outro argumento que contextualiza a tese (p. 44, lin. 93-95); por fim, Sigério discute a posição de Alberto considerando, ademais, a posição de Avicena sobre o assunto (p. 44, lin. 96-06).

A conclusão de Sigério, como esperado, nega a tese de Alberto – subsumindo o argumento dele ao argumento de Avicena, o qual, por sua vez, é atacado como não tendo percebido a ambiguidade dos termos “ex” e “per”. Com isso, Sigério avança um passo em direção à prova da tese de que o ser pertence à essência dos causados.

Análise do argumento atribuído a “Alberto Comentador” (começo da “parte negativa” da “solutio”)

Diz Sigério (pp. 43-44, lin. 81-87):

[1] Aliqui dicunt quod res est per dispositionem additam essentiae suae, [2] ita quod secundum ipsos res et ens non sunt eiusdem intentionis, [3] ita quod esse est aliquid additum essentiae. [4] Haec est opinio Alberti Commentatoris. Ratio sua est ista Libro de causis, quia res habet esse ex suo Primo Principio; [5] ipsum autem Primum est illud quod ex seipso est, et illud quod ex seipso est habens esse, et est illud quod est ex se; etiam essentia rei est ex se; quare res distinguitur ab esse.

[1] Alguns dizem que a coisa é por uma disposição acrescentada à sua essência, [2] de modo que, segundo eles, a intenção de coisa e de ente não é a mesma, de [3] modo que o ser é algo acrescentado à essência. [4] Essa é a opinião de Alberto, o Comentador. Sua razão é a do Livro das causas: a coisa tem o ser a partir do seu Primeiro Princípio. [5] Ora, o Primeiro mesmo é aquilo que é a partir de si mesmo: tanto aquilo que é a partir de si mesmo ao ter o ser, como é aquilo que é a partir de si. A essência também é a partir de si. Razão pela qual a coisa se distingue do ser.

Da proposta descrita como sendo de Alberto, depreendemos ser preciso que o termo “coisa” implique a designação de uma essência, ou seja, o uso do termo transcendental “coisa” pressuporia uma essência, algo delimitável (chamemos de “coisa-essência”). Acresce-se a isso que os termos “coisa” e “ente” não poderiam ser ditos da mesma intenção ([1] e [2], respectivamente).

Em [3], podemos concluir, a partir de [1] e [2] que o ser é algo acrescentado à essência, fazendo da mesma um ente. Não é claro para o leitor qual seria o estatuto ontológico da coisa-essência antes do acréscimo do ser. Esse limbo ontológico será explorado mais abaixo, em [5] e no “sed contra” (p. 44, lin 88-92).

Em [4], Sigério fornece mais um elemento: o Primeiro Princípio. Assim, uma paráfrase completa que poderia articular os termos seria: a coisa-essência tem ser a partir de seu Primeiro Princípio, fazendo dela um ente. A proposta carrega um elemento de ambiguidade acarretado pelo modo como se escreveu “Primeiro Princípio” (como nome próprio que designaria, por exemplo, Deus) e outro pela formulação “**ex suo** Primo Principio”.

Em [5], pontua-se um paralelismo entre coisa e Primeiro Princípio. Temos a seguinte proposta interpretativa: o Primeiro Princípio possui algo *ex se*, i. e., possui essência, e é *ex seipso*, i. e., o ser pertence a sua essência. Por outro lado, a coisa é *ex se*, mas não seria *ex seipso*. Nesse sentido temos um paralelismo entre dois itens que podem ser ditos *ex se*, i. e., o Primeiro Princípio e a coisa, e algo que é propriamente ente, *ex seipso*, i. e., o Primeiro Princípio, somente. Ou seja, precisaríamos explorar o significado de ser *ex se* para podermos analisar a questão do limbo ontológico entre a coisa-essência e o Primeiro Princípio doador de ser. Nesse caso, a pergunta decorrente seria: o que significa este “estar, mas não ser”, exprimido pela expressão *ex se*, ao analisarmos o paralelismo entre a coisa e o Primeiro Princípio?

Para responder a essa pergunta, destacamos, as lin. 42-44, da quinta consideração inicial: “é falso que a coisa seja coisa e, no entanto, que não tenha ser nem fora da alma nem na alma”. Supondo que esse “argumento inicial” seja convergente com a proposta albertiniana, vemos que a coisa ou tem ser fora da alma ou tem ser na alma. Nesse sentido, o “lugar” no qual o referente de “res” estaria seria algum intelecto, aqui, o divino, o qual contém essências que ainda não são atuais, mas com “ser na alma”.

Assim, o elemento de ambiguidade trazido pela expressão **ex suo Primo Principio** é resolvido: o paralelismo entre coisa e Primeiro Princípio se dá no sentido de uma essência que ainda não é, pois não recebeu a atualidade, mas que está (tem ser) em um dado intelecto. Sigério irá explorar a limitação dessa tese logo abaixo.

Exposição de tese conflitante quanto ao argumento de “Alberto Comentador”: o problema do paralelismo entre coisa e Primeiro Princípio

Seguimos, agora, com o “sed contra” inicial (p. 44, lin. 88-92):

[1] Sed contra: quidquid est universaliter in re est effectus Primi Principii, [2] et nihil est eorum quae pertinent ad rem in re ipsa neque essentialiter neque accidentaliter, quin reducatur in Primum Principium; [3] ergo haec distinctio nulla est, scilicet inter essentiam rei et esse per hoc quod unum sit effectus Primi Principii et aliud non.

[1] Mas, contra: tudo que há universalmente na coisa é efeito do Primeiro Princípio e [2] nada há na própria coisa daqueles que pertencem à coisa (nem essencialmente, nem acidentalmente) que não seja reduzido ao Primeiro Princípio; [3] portanto, não há essa distinção entre a essência da coisa e o ser, por meio da qual um [sc. o ser] é efeito do Primeiro Princípio e o outro [sc. a coisa] não.

Em [1-2], o excerto é construído a partir de três advérbios: *universaliter*, *essentialiter* e *accidentaliter*. Os dois últimos exprimem a totalidade dos “aspectos” da coisa: ela possui aspectos pertencentes à sua essência e aspectos que se acoplam na essência, os acidentes. Poderíamos considerar o *universaliter* como a união entre *essentialiter* e *accidentaliter*, i. e., não há nada daquilo que é na coisa *universalmente* que não seja reduzido ao Primeiro Princípio (lin. 89-90). Logo, a coisa já no intelecto contém “certa concretude designativa não atual” (i. e., o que faz com que ela seja pensada tendo acidentes); ou seja, [3] a tese de que o ser se diferencia da coisa-essência na medida em que o ser é efeito do Primeiro Princípio e a coisa-essência não, é falsa, pois tanto a coisa-essência como o ser da coisa-essência seriam efeitos do Primeiro Princípio, i. e., o ser da coisa já está dado no Primeiro Princípio, como vimos acima.

Restaria, então, a pergunta sobre o que seria a atualidade de uma coisa-essência, i. e., essa atualidade não seria um efeito do Primeiro Princípio? Uma possível resposta seria: Sigério não se detém nos problemas onto-cosmológicos nesse momento do texto. Para ele, bastaria mostrar ser a formulação atribuída a Alberto Magno insuficiente, do ponto de vista ontológico, a partir de um argumento geral (i. e., argumento que não precisaria ser endossado de antemão), para mostrar a tese da distinção real. Ademais, Sigério parece pressupor a eternidade do mundo, a partir da eternidade do Primeiro Princípio. Ora, em sendo Primeiro Princípio e, por conseguinte, o mundo eternos, não seria possível estabelecer um momento no qual o ser seria acrescentado à coisa-essência fazendo desta algo atual, portanto, para Sigério o problema se resolve de maneira imediata.

Ao discutir a tese de Tomás de Aquino, o problema ficará mais claro. Sigério mostrará que, apesar de válida logicamente, a tese tensiona a ontologia aristotélica no sentido de um acréscimo de “uma quarta natureza” justamente para preservar um ambiente que colocaria a atualidade em suspensão. Vejamos as lin. 17-20, p. 45 onde Sigério aponta o problema com a tese de Tomás: “Ora, dizer que o ser é algo acrescentado à essência da coisa, de modo que não é a própria coisa, nem parte da essência, como a matéria e a forma, e dizer que não é um acidente é sustentar uma quarta natureza nos entes”. Nesse sentido, o Primeiro Princípio poderia ser dito, para Sigério, apenas, algo que garante a estabilidade do movimento do mundo e, não, um ente dotado de vontade.

Supor serem ente e coisa duas intenções distintas e supor serem ser e essência distintos realmente pressupõe uma ontologia que visa preservar um ambiente criacionista, a partir do vocabulário aristotélico, algo que Sigério parece negar no contexto de um comentário a *Metafísica*. Dito isso, podemos destacar a formulação de Imbach (1981, pp. 338-339) para o problema:

O tema do comportamento de *esse* e *essentia* fornece uma oportunidade radicalmente aristotélica, cuja tese fundante defende uma ontologia aristotélico-averroísta contra a adaptação e alienação cristãs. Como vimos, a motivação para a tese metafísica da distinção real é a tentativa de esclarecer o mundo como criação. Seria preciso dizer que tudo o que existe em radical dependência para com Deus. Para um aristotélico convencido, a criação *não é um problema filosófico*. A velha repreensão de uma mistura entre *filosofia* e *teologia*, repreensão essa que Averróis aduziu contra Avicena, vale aqui, também [itálicos de Imbach]³.

O argumento de Imbach indica algo mais forte do que aquilo que queremos mostrar, contudo, ilustra o ponto. Sigério parece mobilizar um argumento geral contra a distinção real, i. e., Sigério, tendo em vista uma leitura interna do argumento de Alberto, propõe um outro argumento, com o qual ele não precisa se comprometer. Sigério com o “sed contra” expõe o ponto-cego da distinção real: se tudo o que é depende do ser do Primeiro Princípio, então tanto a coisa-essência, com seus acidentes, quanto o ser da coisa-essência dependem do Primeiro Princípio, ou seja, não possível diferencia a coisa-essência e o ser desta com relação ao fato

3 “Das Thema des Verhältnisses von *esse* und *essentia* gibt einem radikalen Aristoteliker Gelegenheit, die Grundthesen einer aristotelische-averroistischen Ontologie gegenüber christlichen Verfremdungen und Adaptationen zu verteidigen. Wie wir gesehen haben, ist die Motivation zur metaphysischen These der Realdistinktion der Versuch einer Erklärung der Welt als Schöpfung: Es soll dargetan werden, dass alles, was ist, in radikaler Abhängigkeit von Gott existiert. Für einen überzeugten Aristoteliker aber ist die Schöpfung *kein philosophisches* Problem. Der alte Vorwurf einer Vermengung von *Philosophie* und *Theologie*, den Averroes gegen Avicena vorbringt, gilt auch hier” [itálicos de Imbach].

de um ter advindo do Primeiro Princípio e o outro, não. Ora, uma vez exposto o argumento, Sigério dá um passo para trás e investigará o significado de certos termos usados para montar as proposições garantidoras do argumento da distinção real. Abaixo, Sigério tratará sobre os termos *ex* e *per* e o resultado será o de evidenciar que o uso desses termos carrega um tipo de ambiguidade que pode ser resolvido com o uso de certos critérios aristotélicos.

Resposta de Sigério ao argumento de “Alberto Comentador” (p. 44, lin. 96-6): o termo equívoco “ex”, “a causa é dita de muitos modos” e hierarquia das causas

Por fim, temos a resposta de Sigério (p. 44, lin. 96-06):

Dicendum quod hic est aequivocatio ex eo quod “ex” importat circumstantiam causae, et causa multipliciter dicitur, ut habetur V^o Metaphysicae; et Avicenna deceptus fuit per aequivocationem de ly “ex”. Cum enim dicitur “res est ex seipsa”, potest “ex” denotare circumstantiam causae formalis vel efficientis. Tunc dico quod ista simul stant: homo est homo per se, secundum quod ly “per” dicit circumstantiam causae formalis; et tamen homo per aliud est homo secundum quod “per” denotat circumstantiam causae efficientis; et sic est hic deceptio. Unde in libro Posteriorum: primo modo dicendi per se, illud est tale quod est tale per suam formam: unde potest aliquod causatum esse per se formaliter, et tamen causam efficientem habet aliam.

Cumprer dizer que: aqui há equivocidade (uma vez que “**a partir de**” importa a ocorrência da causa, e a causa é dita de muitos modos, como se dá em Metafísica V) e Avicena foi enganado pela equivocidade desse “**a partir de**”. Com efeito, quando se diz: “a coisa é **a partir de si mesma**”, “**a partir de**” pode denotar a ocorrência da causa formal ou eficiente. Digo, assim, que estes são simultaneamente mantidos: o homem é homem **por si**, segundo o que, aí, “**por**” diz a ocorrência da causa formal; e, no entanto, o homem é homem **por outro**, segundo o que “**por**” denota a ocorrência da causa eficiente, e, assim, há um engano aqui. Donde, no livro dos Posteriores: do primeiro modo de dizer **por si**, é tal o que é tal por sua forma; donde algum causado pode ser **por si** formalmente, e, no entanto, ter outra causa eficiente.

Analisar a proposta em seus meandros nos faria exceder o limite de tempo proposto, assim, faremos algumas marcações que permitiriam deduzir a solução proposta aqui. Em princípio, Sigério está associando Alberto ao erro de Avicena, e o erro deste fora o de não ter percebido a ambiguidade ou equivocidade inerente aos termos “ex” e “per”, os quais estão ligados a uma proposição cujo objetivo seria fundamentar o argumento da distinção real: “res est ex seipsa”⁴. Como vimos, predicado “ex seipso” estava atribuído ao Primeiro Princípio, assim, de acordo com os critérios anteriores, a frase correta seria: “o Primeiro Princípio é *ex seipso*”. Nesse caso, antes da análise, podemos fazer uma consideração sobre o objetivo de Sigério.

4 Acima, o paralelismo entre coisa e Primeiro Princípio é dado pela expressão “essentiam rei est **ex se**” (lin. 87). Essa expressão, a qual estava na margem, foi colocada por Dunphy no corpo do texto. Todavia, agora, o texto de Sigério foca na expressão “res est **ex seipsa**” (lin. 99) para desmobilizar o argumento de Alberto/Avicena. Temos como hipótese que o argumento do “sed contra” (lin. 88-92) foi armado para desmobilizar o argumento anterior (lin. 81-87), onde a frase “essentiam rei est ex se” era parte. Agora, nessa consideração final contra a “distinção real”, Sigério parece mobilizar um outro argumento de caráter lógico-semântico para a desmobilização da “distinção real”. Nesse sentido, parece-nos que o caso é: o argumento do “sed contra” seria um argumento de cunho ontológico geral, i. e. Sigério não precisaria se comprometer de antemão com ele para desmobilizar a tese da “distinção real”. No caso de agora, Sigério está começando a aplicar sua depuração semântica, a qual será feita com mais vagar na “parte positiva” da solução.

Acima, o paralelismo entre coisa e Primeiro Princípio é dado pela expressão “*essentiam rei est ex se*” (lin. 87). Essa expressão, a qual estava na margem, foi colocada por Dunphy no corpo do texto. Todavia, agora, o texto de Sigério foca na expressão “*res est ex seipsa*” (lin. 99) para desmobilizar o argumento de Alberto/Avicena. Temos como hipótese que o argumento do “*sed contra*” (lin. 88-92) foi armado para desmobilizar o argumento anterior (lin. 81-87), onde a frase “*essentiam rei est ex se*” era parte. Agora, nessa consideração final contra a “distinção real”, Sigério parece mobilizar um outro argumento de caráter lógico-semântico para a desmobilização da “distinção real”. Nesse sentido, parece-nos que o caso é: o argumento do “*sed contra*” seria um argumento de cunho ontológico geral, i. e. Sigério não precisaria se comprometer de antemão com ele para desmobilizar a tese da “distinção real”. No caso de agora, Sigério está começando a aplicar sua depuração semântica, a qual será feita com mais vagar na “parte positiva” da solução” e a partir de uma frase (“*res est ex seipsa*”) que não seria aceita pelos defensores da distinção real. Então, podemos destacar a última frase do argumento:

Voltando. O começo da proposta é: “*ex*” e “*per*” trazem a circunstância da causa e a causa é dita de muitos modos. Sigério propõe, para melhor entender a frase, analisar o termo “*ex*”.

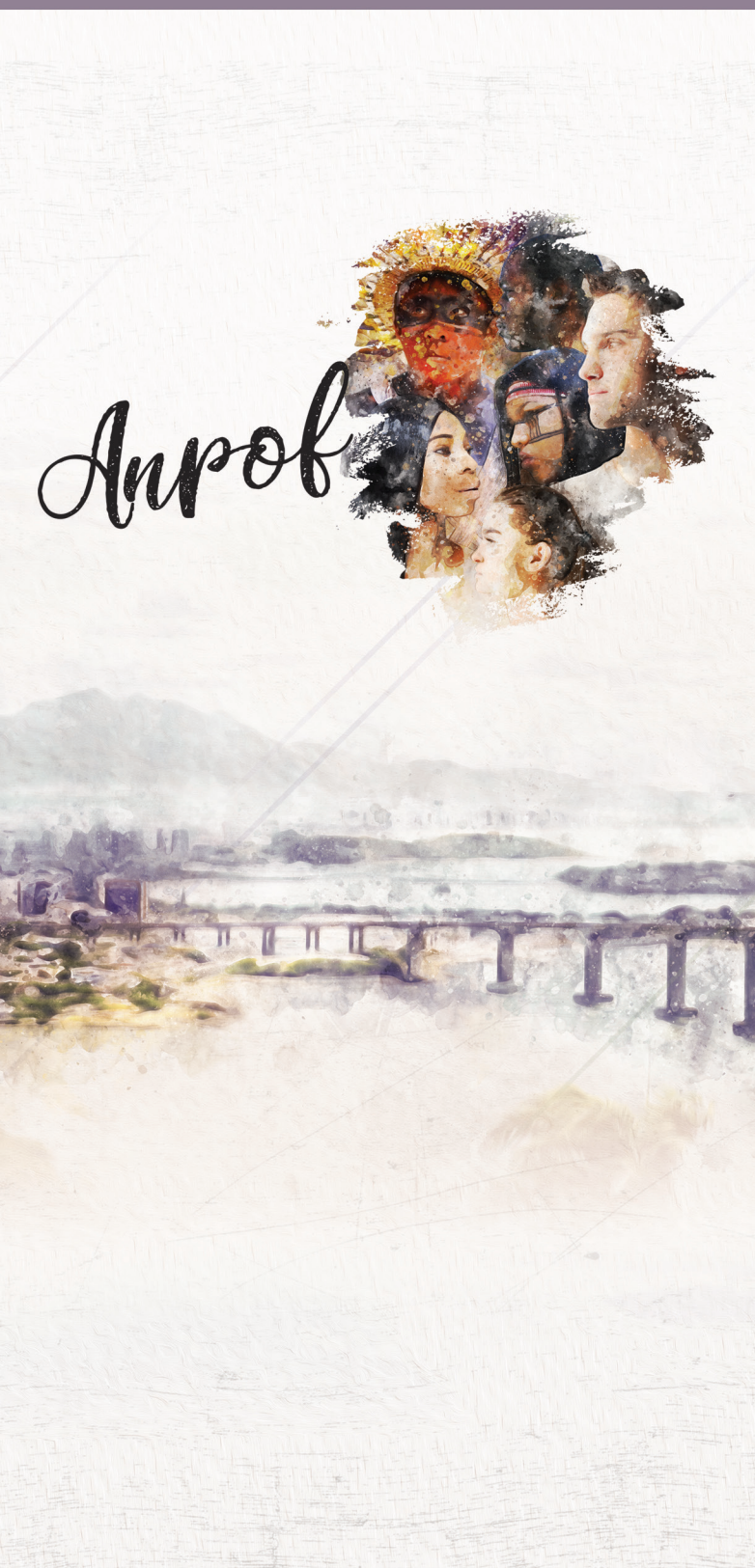
O termo traria o problema da teoria da causalidade de Aristóteles, especialmente no que tange à predicação “*per se*”, (vide, por exemplo, *An. Post.*, 74 a 34-37, como nos lembra Dunphy). Essa retomada dos *Analíticos* permitirá a Sigério hierarquizar os sentidos de termos que aludam à causa. Ao explorar esses sentidos tendo em vista os *Analíticos*, Sigério percebe que a solução do problema não passa por uma abordagem ontológica que necessite da pressuposição de intenções diversas ligadas a termos diversos. Bastaria, assim, perceber, analisando a frase a partir de seus termos, que a coisa é por si mesma e por outrem, dependendo do foco que se dê para a preposição “*ex*”. Ou seja, como Sigério explorará em seguida, basta, primeiramente, explorar as ambiguidades na armação dos argumentos que neguem o pertencimento do ser à essência dos causados e, em segundo lugar, é preciso se atentar para o prolegômeno linguístico que qualquer ontologia precisa para, de fato descrever o mundo sem a necessidade da criação de mais entes do que o necessário, “parte positiva da solução” (lin. 27-48). Nesse sentido, tanto a frase mobilizada por Sigério “*res est ex seipsa*” quanto a mobilizada pelos defensores da distinção real “o Primeiro Princípio é *ex seipso*” padecem do problema de não expressarem de maneira clara qual o tipo de causalidade que se quer expressar. Como decorrência disso, os predicados “*ex seipso*” e “*ex se*” não acrescentariam nada, pois é possível ser “*ex seipso*” formalmente ou eficientemente, dependendo do contexto e o mesmo vale para “*ex se*”. Então, podemos destacar a última frase do argumento: “donde algum causado pode ser *por si* formalmente, e, no entanto, ter outra causa eficiente”, logo na frase “a coisa é a partir de si mesma” ou “a coisa é por si mesma”, a coisa pode ser por si mesma (ou a partir de si mesma) formalmente, e, no entanto, ter outra causa eficiente.

Portanto, o objetivo de Sigério foi alcançado: é possível trabalhar com a frase “*res est ex seipsa*” sem pressupor uma ontologia estranha que tencione o ambiente aristotélico abrindo mão de suas discontinuidades. Para o caso do papel da frase “*homo est homo per se [...]*” no argumento, Sigério está pressupondo que “*per*” e “*ex*” são sinônimos, algo que poderíamos discutir em uma próxima oportunidade.

Referências bibliográficas:

IMBACH, Ruedi. Averroistische Stellungnahmen zur Diskussion über das Verhältnis von *esse* und *essentia*: von Siger von Brabant zu Thaddaeus von Parma, In: MAIERÛ, Alfonso e PARAVICINI BAGLIANI, Agostino (eds.). *Studi sul XIV secolo in memoria di Anneliese Maier*. Roma: Edizioni Di Storia e Letteratura, 1981, pp. 299-339.

SIGER DE BRABANT. *Quaestiones in Metaphysicam*. Edição revista da reportagem de Munique e texto inédito da reportagem de Viena. Editado por W. Dunphy (coleção *Philosophes médiévaux*, 24). Louvain: Publications universitaires, 1981.



Filosofia Medieval

Alfredo Storck

Ana Rieger Schmidt

Cristiane Negreiros Abbud Ayoub

Jorge L. Viesenteiner

Manoel Vasconcellos

Nilo César B. Silva

(Orgs.)



Filosofia Medieval

Alfredo Storck

Ana Rieger Schmidt

Cristiane Negreiros Abbud Ayoub

Jorge L. Viesenteiner

Manoel Vasconcellos

Nilo César B. Silva

(Orgs.)



ANPOF - Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia

Diretoria 2019-2020

Adriano Correia Silva (UFG)
Antônio Edmilson Paschoal (UFPR)
Suzana de Castro (UFRJ)
Franciele Bete Petry (UFSC)
Patrícia Del Nero Velasco (UFABC)
Agnaldo Portugal (UNB)
Luiz Felipe Sahd (UFC)
Vilmar Debona (UFMS)
Jorge Viesenteiner (UFES)
Eder Soares Santos (UEL)

Diretoria 2017-2018

Adriano Correia Silva (UFG)
Antônio Edmilson Paschoal (UFPR)
Suzana de Castro (UFRJ)
Agnaldo Portugal (UNB)
Noéli Ramme (UERJ)
Luiz Felipe Sahd (UFC)
Cintia Vieira da Silva (UFOP)
Monica Layola Stival (UFSCAR)
Jorge Viesenteiner (UFES)
Eder Soares Santos (UEL)

Diretoria 2015-2016

Marcelo Carvalho (UNIFESP)
Adriano N. Brito (UNISINOS)
Alberto Ribeiro Gonçalves de Barros (USP)
Antônio Carlos dos Santos (UFS)
André da Silva Porto (UFG)
Ernani Pinheiro Chaves (UFPA)
Maria Isabel de Magalhães Papaterra Limongi (UPFR)
Marcelo Pimenta Marques (UFMG)
Edgar da Rocha Marques (UERJ)
Lia Levy (UFRGS)

Diretoria 2013-2014

Marcelo Carvalho (UNIFESP)
Adriano N. Brito (UNISINOS)
Ethel Rocha (UFRJ)
Gabriel Pancera (UFMG)
Hélder Carvalho (UFPI)
Lia Levy (UFRGS)
Érico Andrade (UFPE)
Delamar V. Dutra (UFSC)

Diretoria 2011-2012

Vinicius de Figueiredo (UFPR)
Edgar da Rocha Marques (UFRJ)
Telma de Souza Birchall (UFMG)
Bento Prado de Almeida Neto (UFSCAR)
Maria Aparecida de Paiva Montenegro (UFC)
Darlei Dall'Agnol (UFSC)
Daniel Omar Perez (PUC/PR)
Marcelo de Carvalho (UNIFESP)

Produção

Antonio Florentino Neto

Editor da coleção ANPOF XVIII Encontro

Jorge Luiz Viesenteiner

Diagramação e produção gráfica

Editora Phi

Capa

Adriano de Andrade

Comitê Científico: Coordenadoras e Coordenadores de GTs e de Programas de Pós-graduação

Admar Almeida da Costa (UFRRJ)
Adriano Correia Silva (UFG)
Affonso Henrique V. da Costa (UFRRJ)
Agemir Bavaresco (PUCRS)
Aldo Dinucci (UFS)
Alessandro B. Duarte (UFRRJ)
Alessandro Rodrigues Pimenta (UFT)
Alfredo Storck (UFRGS)
Amaro de Oliveira Fleck (UFMG)
Ana Rieger Schmidt (UFRGS)
André Cressoni (UFG)
André Leclerc (UnB)
Antonio Carlos dos Santos (UFS)
Antonio Edmilson Paschoal (UFPR)
Antonio Glaudenir Brasil Maia (UVA)
Araceli Rosich Soares Velloso (UFG)
Arthur Araújo (UFES)
Bartolomeu Leite da Silva (UFPB)
Bento Prado Neto (UFSCAR)
Breno Ricardo (UFMT)
Cecilia Cintra C. de Macedo (UNIFESP)
Celso Braidá (UFSC)
Cesar Augusto Battisti (UNIOESE)
Christian Hamm (UFSM)
Christian Lindberg (UFS)
Cicero Cunha Bezerra (UFS)
Clademir Luis Araldi (UFPEL)
Claudemir Roque Tossato (UNIFESP)
Claudinei Freitas da Silva (UNIOESTE)
Cláudio R. C. Leivas (UFPEL)
Clóvis Brondani (UFFS)
Cristiane N. Abbud Ayoub (UFABC)
Cristiano Perius (UEM)
Cristina Foroni (UFPR)
Cristina Viana Meireles (UFAL)
Daniel Omar Perez (UNICAMP)
Daniel Pansarelli (UFABC)
Daniel Peres Coutinho (UFBA)

Dirce Eleonora Nigro Solis (UERJ)
Eder Soares Santos (UEL)
Eduardo Aníbal Pellejero (UFRN)
Emanuel Â. da Rocha Fragoso (UECE)
Enoque Feitosa Sobreira Filho (UFPB)
Ester M. Dreher Heuser (UNIOESTE)
Evaldo Becker (UFS)
Evaldo Sampaio (UnB/Metafísica)
Fátima Évora (UNICAMP)
Fernando Meireles M. Henriques (UFAL)
Filipe Campello (UFPE)
Flamarion Caldeira Ramos (UFABC)
Floriano Jonas Cesar (USJT)
Franciele Bete Petry (UFSC)
Francisco Valdério (UEMA)
Georgia Amitrano (UFU)
Gisele Amaral (UFRN)
Guido Imaguire (UFRJ)
Gustavo Silvano Batista (UFPI)
Helder Buenos A. de Carvalho (UFPI)
Henrique Cairus (UFRJ)
Hugo F. de Araújo (UFC)
Jacira de Freitas (UNIFESP)
Jadir Antunes (UNIOESTE)
Jelson Oliveira (PUCPR)
João Carlos Salles (UFBA)
Jorge Alberto Molina (UERGS)
José Lourenço (UFSM)
Júlia Sichieri Moura (UFSC)
Juvenal Savian Filho (UNIFESP)
Leonardo Alves Vieira (UFMG)
Lívia Guimarães (UFMG)
Luciano Carlos Utteiche (UNIOESTE)
Luciano Donizetti (UFJF)
Ludovic Soutif (PUCRJ)
Luís César G. Oliva (USP)
Luiz Carlos Bombassaro (UFRGS)
Luiz Rohden (UNISINOS)
Manoel Vasconcellos (UFPEL)
Marcela F. de Oliveira (PUCRJ)
Marcelo Esteban Coniglio (UNICAMP)

Márcia Zebina Araújo da Silva (UFG)
Márcio Custódio (UNICAMP)
Marco Antonio Azevedo (UNISINOS)
Marcos H. da Silva Rosa (UERJ)
Maria Cecília Pedreira de Almeida (UnB)
Maria Cristina de Távora Sparano (UFPI)
Maria Cristina Müller (UEL)
Marina Velasco (UFRJ/PPGLM)
Mariana Cláudia Broens (UNESP)
Mariana de Toledo Barbosa (UFF)
Mário Nogueira de Oliveira (UFOP)
Mauro Castelo Branco de Moura (UFBA)
Max R. Vicentini (UEM)
Michela Bordignon (UFABC)
Milton Meira do Nascimento (USP)
Nathalie Bressiani (UFABC)
Nilo César B. Silva (UFCA)
Nilo Ribeiro (FAJE)
Patrícia Coradim Sita (UEM)
Patrícia Kauark (UFMG)
Patrick Pessoa (UFF)
Paulo Afonso de Araújo (UFJF)
Pedro Duarte de Andrade (PUCRJ)
Pedro Leão da Costa Neto (UTP)
Pedro Paulo da Costa Corôa (UFPA)
Peter Pál Pélbart (PUCSP)
Rafael de Almeida Padial (UNICAMP)
Renato Moscateli (UFG)
Ricardo Bazilio Dalla Vecchia (UFG)
Ricardo Pereira de Melo (UFMS)
Roberto Horácio de Sá Pereira (UFRJ)
Roberto Wu (UFSC)
Rodrigo Guimarães Nunes (PUCRJ)
Rodrigo Ribeiro Alves Neto (UNIRIO)
Samir Haddad (UNIRIO)
Sandro M. Moura de Sena (UFPE)
Sertório de A. Silva Neto (UFU)
Silvana de Souza Ramos (USP)
Sofia Inês A. Stein (UNISINOS)
Sônia Campaner (PUCSP)
Tadeu Verza (UFMG)

Tiegue Vieira Rodrigues (UFSM)
Viviane M. Pereira (UECE)
Vivianne de Castilho Moreira (UFPR)
Waldomiro José da Silva Filho (UFBA)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecária Juliana Farias Motta CRB7/5880

F488

Filosofia Medieval / Organização Alfredo Storck...et al. --
São Paulo: ANPOF, 2019.

186 p.

ISBN: 978-85-88072-78-7

Outros autores: Ana Rieger Schmidt, Cristiane Negreiros, Abbud
Ayoub Jorge L. Viesenteiner, Manoel Vasconcellos, Nilo César B. Silva

Filosofia medieval.I. Storck, A.II. Título

CDD 189

Índice para catálogo sistemático:

1. Filosofia medieval